NACIONAL

RETROSPECTIVA

O rock brasileiro deu vários passos em direção ao profissionalismo no ano que passou. Embora 1984 tenha sido um ano de contrastes, o saldo revelou-se positivo. Os destaques ficaram para os Paralamas do Sucesso, Lobão e os Ronaldos e Barão Vermelho, entre outros. Outras bandas também apareceram bem e conseqüentemente ampliou-se o espaço aberto pelas gravadoras. O ano que se inicia poderá significar a consolidação do mercado do rock nacional.

ROCK BRASIL

Paralamas do Sucesso

Se o ano de 1984 não representou exatamente uma explosão do rock nacional, pelo menos não se pode negar que foi um período em que ocorreram passos significativos para as várias correntes do movimento roqueiro no Brasil. Mais do que destaques isolados, este ano marcou a conquista de mais alguns degraus na luta pelo profissionalismo no rock.

A maior qualidade do material apresentado às gravadoras levou a uma difícil seleção dos melhores trabalhos, o que permitiu uma nivelação por cima. Melhores condições de atuação foram proporcionadas às bandas, tais como bons contratos, aparelhagem adequada para shows, maior divulgação dos discos e apoio no estúdio – e os novos valores foram à luta. Com isso, o público só teve a ganhar.

Em se falando das características e da evolução musical de cada um dos grupos principais, porém, a coisa varia muito. Pode-se começar por São Paulo, onde o quadro esteve cheio de contradições. O Ultraje a Rigor lançou um compacto no final do ano, embalado pelo sucesso de "Inútil". As músicas "Eu Me Amo" e "Rebelde Sem Causa" alcançaram boas execuções nas rádios e a receptividade do público foi ótima. A proposta musical do Ultraje é inovadora e os rapazes fazem

Magazine

Lulu Santos

Titãs

Ultrage a Rigor

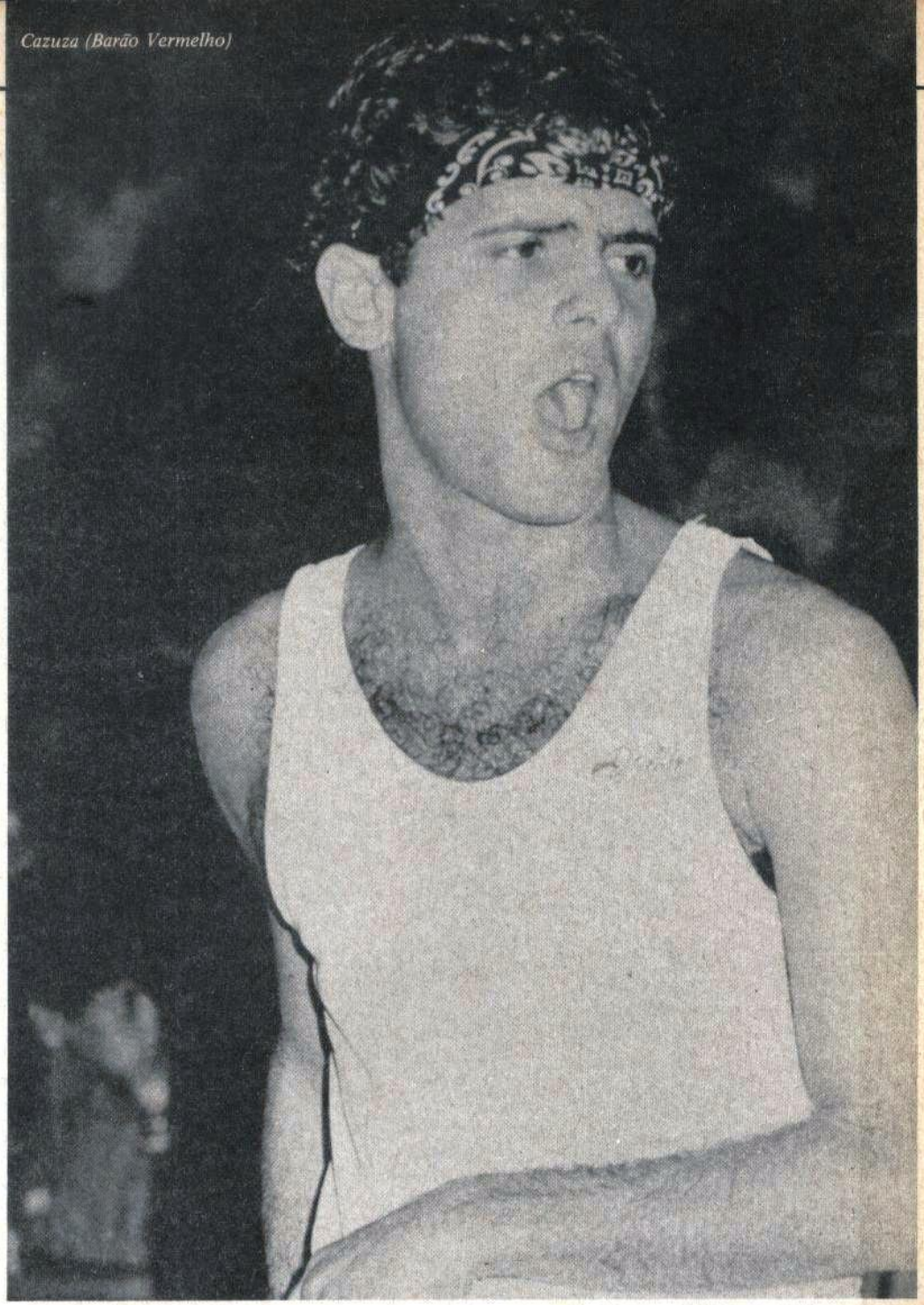
Lobão *Celso Blues Boy*

um trabalho a que se deve dar continuidade. Os Titãs são outro exemplo de bom trabalho, trazendo em seu primeiro álbum um rock simples, chegado ao **ska**, e com uma postura de palco que agitou a galera. "Sonífera Ilha" despontou nas FMs.

Já o pessoal do Magazine não saiu daquela mesma história: uma base musical fraca e repetitiva com uma letra pseudo-social em cima que não acrescenta nada a ninguém. Depois do sucesso de "Eu Sou Boy" – que era, pelo menos, engraçada – a banda podia ter dado tratos à bola e feito algo mais inteligente. Porque "Tic Tic Nervoso" não mereceu a repercussão que teve e a coisa beirou a oportunismo. O Kid Vinil tem que fazer um som à altura de sua pretensão. E há que se falar nos metaleiros de Sampa, que não saíram ainda do jardim de infância. Bandas como o Vírus e o Salário Mínimo têm muito o que aprender e seria melhor que substituíssem suas vestimentas de couro por uma roupagem musical mais séria.

O blues foi valorizado em 84, com o lançamento do Lp de Celso Blues Boy, "Som Na Guitarra". Sua banda de apoio teve excelente atuação e o próprio Celso esmerilhou sua guitarra como só ele sabe fazer. A única falha do disco são as letras, que não dizem nada. E, falando em letra, o pessoal da Blitz também não saiu daqueles diálogos que, a esta altura, já estão ficando irritantes. "Blitz 3", o terceiro álbum do grupo, é igualzinho aos dois anteriores. Tudo como dantes. Seria injusto dizer que a Blitz não se destacou no cenário roqueiro nacional no ano que passou. "Bete Frígida" e "A Dois Passos do Paraíso" foram hits nacionais e a temporada da banda no Canecão, ao lado do pessoal dos Banduendes Por Acaso Estrelados, foi um acontecimento. Mas eles precisam apertar alguns parafusos, principalmente Márcia e Fernanda, que não afinam de jeito nenhum nos shows.

Lobão, um dos fundadores da Blitz, revelou-se bom compositor e abalou estruturas com seus Ronaldos. O Lp "Ronaldo Foi Prá Guerra"



Cazuza (Barão Vermelho)

trouxe o hit "Me Chama" e apareceu nas paradas no final de 84. O problema com Lobão pintou nos shows. A aparelhagem foi prejudicada por problemas técnicos e o som muitas vezes ficava um horror, o que causou atritos com o público. Houve episódios deprimentes em Niterói e no Circo Voador. Apesar da falta de organização, o som do Lobão emplacou, pois é um trabalho coerente.

Maiores abandonados, os rapazes do Barão Vermelho estiveram com tudo em cima. "Bete Balanço", "Pro Dia Nascer Feliz" e "Maior Abandonado" viraram hits e Cazuza e Frejat viveram um período de muita produção. Seu rock direto e cheio de ritmo fez todo mundo dançar. E os Paralamas do Sucesso também incrementaram seu som, lançando "O Passo do Lui", um bom trabalho. A interação entre os rapazes é muito boa, e a guitarra de Herbert Vianna merece especial destaque. Repetiram-se um pouco, mas tecnicamente botaram prá quebrar. As apresentações ao vivo são o forte do Paralamas, e eles não deixaram por menos: abriram a excursão brasileira do Jinny Cliff e andaram tocando até em Feira de Santana, na Bahia.

O grupo Kid Abelha e os Abóboras Selvagens emplacou alguns hits em 84: "Como Eu Quero", "Nada Tanto Assim", "Fixação", etc. Mas o som da banda não se modificou. A produção é ótima – o Lp "Seu Espião" comprova isto – mas o excesso de pasteurização das músicas cansa. Léo Jaime tem uma proposta

ATARI DA ATARI

O primeiro e autêntico video-game.
A maior variedade de fitas originais
à sua escolha.

VEIGA SOM ®

O SOM QUE TRANQÜILIZA

Centro: Rua da Quitanda, 30 - Gr. 502 - Tels.: 221-1525 - 252-8587
Niterói: Rua XV de Novembro, 49 - Loja 1 - Tel.: 719-3353
Tijuca: Rua Barão de Mesquita, 206-A Tels.: 248-0992 - 248-0995
Méier: Rua Dias da Cruz, 689 - loja B Tel.: 594-5699

À VISTA: DE 495.000 POR 399.000
1 + 4 DE 99.000 = 495.000
OU 1 + 9 DE 67.630

GARANTIA E ASSISTÊNCIA TÉCNICA PERMANENTE.

até interessante e irreverente, uma boa produção, mas seu trabalho ainda não é significativo. Lulu Santos, então, nem se fala. Uma cópia de si mesmo. Um roqueiro que virou **entertainer** e que pede desculpas por não saber fazer chover no sertão. Lulu é um bom guitarrista, mas está desperdiçando seu potencial num trabalho vazio e sem objetivos. Para finalizar, uma nota a respeito dos grupelhos que estão embarcando nessa só pela onda. Bandas como Sempre Livre e Absyntho não têm lugar num movimento que está começando a ser tratado com seriedade e que traz uma proposta nova para a música brasileira.

Em meio aos altos e baixos, o saldo acaba sendo positivo, porque o rock começou a tomar definitivamente os espaços a que tinha direito. Se 84 significou o início da profissionalização de nossas bandas, podemos aguardar, em 85, uma consolidação de todo esse trabalho.

Blitz

O som de vanguarda

Até há uns dois, três anos atrás, roqueiros do resto do país jamais imaginariam que na capital federal se fazia rock, e que seria de lá que surgiriam algumas das mais significativas bandas nacionais. Os grupos do planalto já nasceram com o estilo de bandas pós-punks. Já começaram fazendo um novo som, sem contudo se desvincularem da realidade brasileira. Quando se pensava que o punk kock nacional tinha nascido em São Paulo, chega a informação que em 78/79 já existia uma banda no gênero por lá, a Aborto Elétrico, uma espécie de mãe e avó das várias que brotam hoje em dia lá na corte. A sua primeira filha foi a Blitz, depois vieram Metralhaz e Dado & O Reino Animal. Hoje nenhuma delas existe, mas a Legião Urbana, Capital Inicial e Plebe Rude, formam a segunda e desbravadora geração brasiliense. Este 84 foi de muito trabalho e divulgação para os grupos de Brasília. Invadiram Rio e São Paulo e ao final do ano a Legião Urbana conseguiu um Lp, que vai redirecionar um pouco o modo de se fazer rock no país. Já a Capital Inicial está em conversas com outra gravadora, e provavelmente terá, em breve, um compacto lançado. A Plebe deverá seguir o mesmo caminho. Atualmente as novas bandas de destaque em Brasília são: Finnis Africae, Diamante cor-de-rosa e Escola de Escândalo. Começa a brotar a terceira geração.

Legião Urbana

Agora vamos dar um giro por São Paulo. A cidade é sem dúvida e grande base e QG da maioria dos grupos ditos de vanguarda e pós-new waves no Brasil.

Em 84 o número emergente de bandas que evoluíram a partir do trabalho pioneiro de outras, foi maior do que praticamente de 80 para cá. Espaços foram surgindo especialmente para a apresentação desses grupos, como o extinto Napalm, que fêz com que surgissem outras. Hoje a Estação Madame Satã é o palco onde quase toda semana uma nova banda estréia. A casa completou um ano. É o "point" do underground e por lá já passaram dezenas de bandas novas como Metropolis, Cabine C, Blush, Basculantes, RPM, 25 Segundos Depois, Voga, Mercenárias, Smack, Felinni, Disciplina, Zero, Incontroláveis, Muzak. As Lindas, Garotas do Centro, etc. Paralelo a estas, hás ainda os Titãs, hoje sucesso nacional, e a Voluntários da Pátria, que não costuma dar muitos shows e já tem Lp lançado via independente. Em 1985 Sampa promete ferver muito mais.

Finalmente chegamos ao Rio. Infelizmente aqui é onde a panela está mais vazia em termos de grupos "off-play list.". Os poucos que existem lutam por um público quase inexistente, e não precisam de concorrência. Pode-se dizer com certeza que o pontapé inicial foi dado pela Coquetel Molotov, formada por influência direta dos punks paulistas.

Na esteira da Coquetel vieram Eutanásia (hoje Primeiras Damas), Descontrole e outros grupos punks que ainda sobrevivem com shows no subúrbio, como o Descarga Suburbana. Agora, mais para o finalzinho de 84, é que começaram a surgir nomes como Hojerizah, Cinema, Baton. Apesar disso, eles diferem bastante dos de São Paulo e Brasília. São mais descontraídos, como pede a cidade. Vale lembrar que foi no Rio, tocando em barzinhos com a Coquetel Molotov, que os Paralamas do Sucesso deram seus primeiros passos para a fama. Em fase de ensaios, mas já muito comentados, estão surgindo a Alternativa 3 e o Biquini Cavadão. Este último com uma única música, "Tédio", que é brega-deprê. E deprê é o que promete o Alternativa 3. Não podemos esquecer do Anti-Globo, um grupo dadá, além da imaginação. E não podemos deixar de citar os baianos do Camisa de Vênus – que mesmo sem gravadora, seguem divulgando seu trabalho pelo sul, tendo como base o Rio – e, dos cariocas mais bem recebidos em São Paulo, o Rapazes de Vida Fácil.

Vamos torcer para que em 85 estes grupos ultrapassem as barreiras.

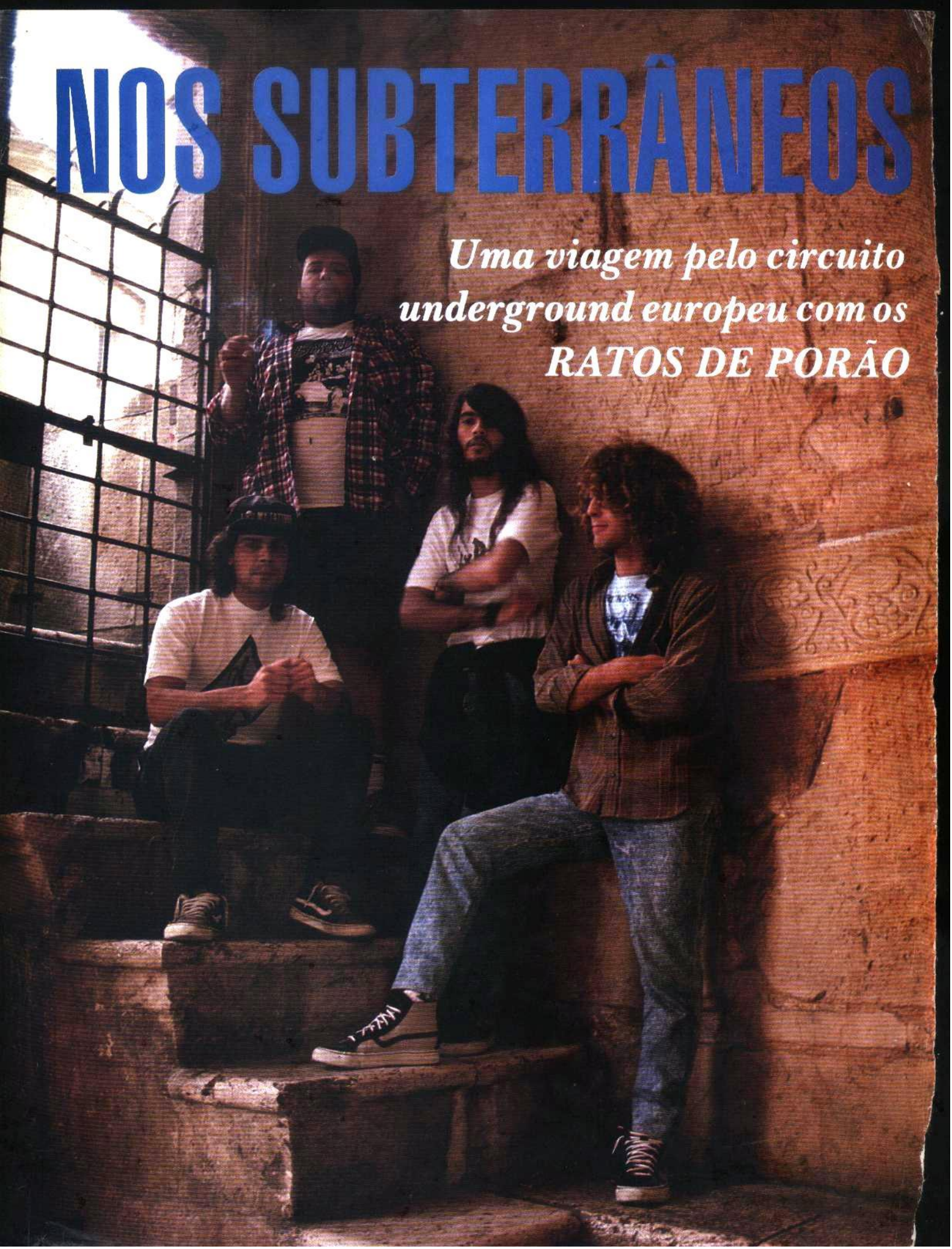
Plebe Rude

O FUNK COMEÇA EM

Aos cinco anos, Ed Motta ganhou um violão. Agora, doze anos depois, ele pilota o Conexão Japeri, uma banda promissora que não quer compromissos nem com o rap nem com o hip hop...

NOS SUBTERRÂNEOS

Uma viagem pelo circuito underground europeu com os ***RATOS DE PORÃO***



SOBRE O CADÁVER D

SODOM SEPULTURA
LONDON MARQUEE

HOW MANY Stourbridge samba outfits have you experienced? Well, Sepultura are Brazilian thrash exponents, and they're in fine fo tonight. Light on their feet, nin the fretboard (*Aaargh! ED*), t sophisticated, neanderthal d shout, "AROOOOGH UGH over 'songs' which go *swea crump crump whump* with impossibly intimate interplay. The Dead Kennedys' 'Holi Cambodia' is a marvellous from the edge of the area an skilful Brazilians are ahead glad to be here with t——in English crowd!!!" increases lead by virtue of the singer's diplomacy, and they slide o time with the kind of goal and audience appreciati Robson would kill his fam

BOYS FROM BRAZIL
NEIL PERRY DISCOVERS WHY A THRASH METAL BAND FROM BRAZIL ARE CURRENTLY THE HEAVIEST AND MOST TOUTED GROUP SINCE METALLICA, YET ARE CENSORED AND OPENLY CONDEMNED IN THEIR OWN COUNTRY. PICS: PAT BLASHILL

IN NEW YORK'S RITZ THEATRE — FORMERLY Studio 54, favoured social cat walk of Manhattan's glitzy jet-set — a horde of hungry thrash ghouls are warming up for a Halloween night's entertainment. It's an ugly sight; the former clientele would have shat themselves.

As they await the debut US performance of Brazilian metal kids Sepultura, the baying mob is kept amused by a feast of cinematic gore playing on the huge drop down screen over the stage. Every few minutes a cheer arises, sustain and volume decided by each film clip's gross-out factor; the eyeball being slashed by a scalpel is a definite fave, while the worrying sight of a 10-foot tall Leatherface ("The Texas Chainsaw Massacre") noisily pruning a victim, is greeted warmly like an old friend. At the repeated scene of a frail old grannie crunching headfirst down a staircase, the sickos' response nearly raises the roof. Welcome to Mary Whitehouse's worst nightmare.

THIS year Sepultura released an LP entitled "Beneath The Remains", the band's third and the very first major worldwide release by a Brazilian HM band. following day, Sepultura are tranquility personified. Young (aged 19-21), calm, friendly and full of smiles, the boys from Brazil are aware of their fast-rising reputation, but remain unfazed by the furore they're causing on this, their first ever tour.

While only Max can hold a conversation of any length, they all understand English to some degree; as the singer begins to talk, Igor, Paulo and Andreas sit and listen intently. Their eagerness to learn, not only about the language, but about everything, is almost tangible.

A BRAZILIAN band is not exposed to the same outside influences as we are used to. How much did your society shape your music?

"To be honest, they ignore us," shrugs Max. "They ignore everything that is different from the system. We are together with, er, the hardcore scene and they'd like that to disappear. They could do this because they are strong. But in our case it's different, we've grown, we've been out of the country. I think in a few years we will be big enough to make them suffer a little.

"They don't go too hard, like this (he mimes an

SEPULTURA/SACRED REICH
THE RITZ, NYC

SEPULTURA are four young men from Brazil, San Paolo to be precise, who are orheading their country's swiftly-spreading (believe it) hardcore metal ment. If they are generic, it's in the same way as an F1-11 surrounded by Os is generic; there are many variations on a theme, and we're talking pure nbred stock here.

nd take the stage with all the attendant support band problems — trouble, being criminally restricted to six songs — but instantly fill the air with a music that burns like the claustrophobic heat of their

rst time . . . Sepultura . . . in USA" barks singer/guitarist Max ltering English, and then they mug the senses with a song called igantic construction, propelled by dread and fear, built around a oving riff that whirls the stage-front headcase contingent into a war dance.

rsional echoes of Celtic Frost and Slayer in there, but Sepultura killed alchemists, bringing their base ingredients to boiling tal that is truly valuable and rare. As one the band and ss Hypnosis", the astonishing skin-shredding speed

H.R. POSITIVO

VÍMANA

Nesta nova seção que ROLL começa a publicar a partir deste número, vamos procurar resgatar a história do rock no Brasil. Em cada número, iremos focalizar um grupo ou artista do rock nacional, a fim de redimensionar a história deste movimento em nosso país ou seja a história positiva do Rock (Hr-Positivo). Inaugurando a série, apresentamos o grupo Vímana, um dos mais importantes conjunto de rock progressivo da década de 70.

Há cerca de dez anos, o Brasil vivia uma grande efervescência em termos de rock. Nos principais centros urbanos do país, uma legião de grupos e artistas tomava de assalto os palcos, levando para um público ávido por novos sons, um pouco de tudo que se fazia pelo planeta, no mundo do rock. Um desses grupos era o Vímana, legítimo representante da vertente progressiva — aquela que inundou a Europa e os EUA nos anos 70, através de bandas Yes, Genesis e Pink Floyd, entre outras. Formado por músicos egressos de outra banda progressiva, o Veludo Elétrico, o Vímana atingiu a sua formação ideal, após várias transformações, por volta de 75. Na época, faziam parte do grupo, os seguintes músicos: Ritchie (voz, flauta, percussão); Luiz Paulo (teclado); Lulu Santos (guitarras); Fernando (baixo e violão) e Lobão (bateria e violão). Mesclando diversas influências, de Frank Zappa a Debussy, de King Crimson a Ravi Shankar, o Vímana produzia um potente som progressivo, graças ao virtuosismo de seus músicos, principalmente a guitarra de Lulu. A banda realizou alguns shows memoráveis, especialmente no Teresão, no Rio, que na época, era o grande celeiro do rock nacional. Estes shows começavam geralmente à meia-noite e varavam a madrugada. O clima das apresentações era lisérgico, com a rapaziada num grande desbunde curtindo as acrobacias e espirais que o Vímana lançava pelos ares. Embora não tenha durado muito tempo, como era comum aos grupos da época, o Vímana escreveu uma página na história do rock nacional.

Um detalhe curioso: dez anos depois, pelo menos três ex-integrantes do Vímana continuam na ativa. Lobão, com os seus Ronaldos, fiel às suas raízes roqueiras. O mesmo não pode ser dito em relação a Lulu Santos, que embarcou em outra onda ("nada do que foi será. . .") Já o venenoso Ritchie, bem, esse é melhor nem comentar.

Fernando, Lulu, Lobão, Luiz Paulo e Ritchie

BA ROCK

ATRÁS DO TRIO ELÉTRICO

O cenário roqueiro baiano sofreu um período de imensa recessão, protagonizada pelo reinado de alguns 'monstros' da MPB que lá nasceram. Em 81, com o aparecimento do Camisa de Vênus, surgiram outras bandas, principalmente punks, e deflagaram um movimento autêntico dentro do panorama baiano. Gonorréia, Furúnculo, Trem Fantasma, Cunjuntivite, Punkuatro, Delirium Tremens, e outras. Passado o impacto inicial, alguns desistiram, outros resistiram. E os que ficaram prometem muito.

O Trem Fantasma destaca-se com muita competência, e não demora muito sai a primeira bolacha deles. Esta informação vazou de Sampa, onde o grupo travou alguns contatos importantes para a realização do disco.

Em março deste ano, num concerto na Ilha do Fogo, nas margens cristalinas do rio 'Chico', que fica entre Juazeiro e Petrolina, houve um concerto ao ar livre com as bandas locais. E o destaque foi para o Conjuntivite, sem dúvida uma das maiores expressões que o São Francisco batizou.

O Gonorréia, infelizmente, não existe mais. A culpa vai para a total falta de unidade do grupo, que tornava todo o trabalho desencontrado, apesar das tentativas (vãs) para que não soassem ruins no palco. O ex-líder Eduardo Scott teve uma passagem pelo Delirium Tremens e parece que está tentando a formação de outro grupo. Tomara que os outros sigam seu exemplo, o que só enriquecerá o movimento.

Mas sem qualquer dúvida, o Camisa de Vênus chegou num estágio bem alto no panorama nacional do rock e suas apresentações sempre são amadas e odiadas por muitos, estabelecendo parâmetros bem distintos de postura e ação, com uma atitude ousada, sem fazer concessões a nada nem a ninguém. E por falar nisto, no dia 22 passado, eles estiveram pela segunda vez em Feira de Santana, no 'Cabaret' que fica na parte central da cidade-planície. Quem introduziu a banda foi Eduardo Scott, amiga da banda e do rock baiano.

O show, apesar de começar muito cedo e ser pouco divulgado, teve uma grande repercussão, a começar pelas duras que alguns pais mais desavisados e conservadores ficavam dando nas suas filhas, que volta e meia, entre uma bobeada, voltava para perto do palco. Mas havia de tudo, gente de todas as ideologias, credos e tendências, formando uma platéia bem heterogênea.

Um jornal local apelou de maneira braba, tentando de todas as formas colocar o Camisa como uma banda obscena e agressiva que agride à sociedade, desrespeita a moral e aos bons costumes. Além de fornecerem um espetáculo da mais pesada pornografia (sic), atentado ao pudor e várias outras baboseiras bem apelativas, tipo manchetão sensacionalista. Só não disseram (ou se lembraram), que a obscenidade e a violência não estão na banda ou no som que eles fazem, que simplesmente reflete de maneira crua e nua a realidade do nosso cotidiano. Basta enxergar e passar em qualquer esquina. Lá estão a pornografia, a violência, a obscenidade. E o rock quer apenas (na maioria das vezes), dar um basta nesta grotesca e truculenta realidade. Nós achamos que o Camisa não é nada disto que este jornal classificou, e temos certeza que isto em nada vai mudar os pensamentos e os valores nos quais a banda se estrutura, ao contrário. Vai fortalecê-la ainda mais e mostrar mais uma vez que eles estão na trilha certa.

ULTRAJE – O ÚNICO AO VIVO

A gente somos inútil". O Ultrage se apresentou com seu novo guitarrista. Edgard saiu e sua guitarra avessa e original foi substituída pela de Carlinhos. O som mudou um pouco de cara, ganhou um pouco de tecno-pop, mas a potência é a mesma. Apresentaram oito músicas. Uma nova, outras já conhecidas como Zoraide, Ricota, Mim Quer Tocar. Bis de Inútil, com todo o público respondendo em coro o refrão. A gente somos o quê?

Depois foi a vez do Nova Embalagem – na crista de uma onda radiofônica recente, sucessos como Abre Mais e Coisa Louca, uma versão de Satisfaction, dos Stones. Guitarra, baixo, teclados, bateria, coro e crooner de cartola embalados novamente num som de play-back: "Os instrumentos não são sem fio, nós estamos dublando!". O públco segurando nas palmas.

Por último, logo após a saída do Nova Embalagem, a esperada presença do Barão Vermelho, ainda virgem dos palcos paulistas: "Pro dia nascer feliz". Prometendo voltar ao Rádio Clube para um show inteiro, com som ao vivo, o Barão empolgou bastante, deixando quero mais na boca de todos. Fizeram só duas músicas, com bis para um dia nascer feliz. De presente. O público pediu outras mas só tinham a fita do compacto. Cazuza se desculpava e ria. Sua presença, mesmo dublando, animou a rapaziada naquela tarde já noite, encerrando o show.

O Rádio Clube promete repetir mais vezes o mingau de domingo, trazendo sempre novos grupos para deleite da moçada. Resta esperar por um som ao vivo de qualidade, para viajar mais. E com mais garra e graça. Porque realmente, escutar grupos de rock dublando é pior que ouvir pregos tilintando ao luar. Somos contra qualquer espécie de apresentação com play-back, que além de diminuir o campo de trabalho dos músicos, é uma falta de respeito para com o público. Palmas para o Ultraje, que a rigor, foi o único que segurou a barra. Vamos aguardar os próximos.

PARALAMAS NO CLASH

O Clash é uma das mais novas casas de Sampa. Na Faria Lima, muita gente na porta. Lá dentro, gente paca, no mínimo umas 500 pessoas, o que para um lugar daquela porte, convenhamos, é demais. Os Paralamas detonavam suas músicas no andar de cima, onde fica o palco, e o ambiente estava tipo descontração total, apesar da cegante neblina de fumaça que empestiava o ar, difícil de respirar. Embaixo, rolando vídeos de rock, onde o ar estava mais respirável, imperava a mesma descontração.

Apesar de ser novo, o Clash está firmando seu nome como uma casa de rock autêntica, apresentando atrações prolíficas e variadas, sem distinções. Pelo que vimos e ouvimos, os Paralamas são bem recebidos em São Paulo, levando seu som com firmeza e fazendo (na medida do possível) todos dançarem. Quem não dançou, se divertiu e curtiu.

Leão à solta e outros bichos mais

O Sossega é uma banda de 12 pessoas, com duas guitarras, baixo, bateria, naipe de metais (trompete, trombone, sax alto e tenor), vibrafone e muita percussão. Os vocais são divididos entre Escova, com sua voz rouca de negro latino, e Nando Reis, sarará ruivo rasta – também integrante dos Titãs. E todos fazem coro. Tudo com presença e competência de impressionar qualquer habitante dos Trópicos. No repertório; San-

DE POUCO UM TUDO

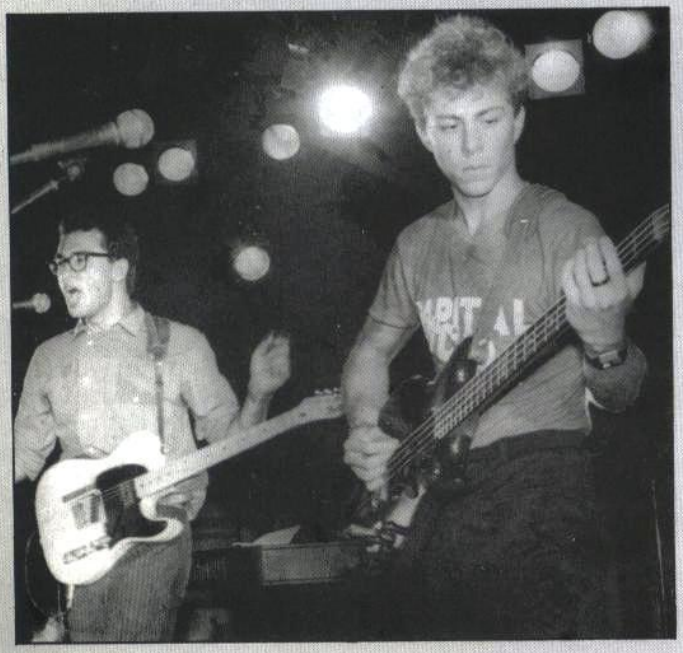
PARALAMAS

Estivemos no Teatro Glaucio Gil (RJ) para assistir ao show do Paralamas do Sucesso, e desta vez um show só para público, já que em outros locais como Circo Voador e Noites Cariocas a platéia nem sempre vai para ver uma determinada banda e sim curtir a programação completa. Isso nos permitiu ver a verdadeira platéia ZS deles (o teatro fica em Copacabana): muita garotada em visuais coloridíssimos e bastante gatinhas, que cantavam e dançavam cada música junto com eles, numa empolgação geral.

O show esteve perfeito em todos os aspectos, pois nem microfonia teve, e vale dar os parabéns à produção e ao pessoal do grupo Manhas do Cabaré, responsáveis pela intensa programação cultural do Glaucio Gil.

O número de abertura foi a nova composição em ritmo ska, "Óculos", que teve grande recepção do público, tanto que foi uma das repetidas nos tradicionais 'bis' que o grupo sempre dá. Para "Patrulha Noturna" foi encenado um visual, onde um garotão em sua lambreta era perseguido por um insistente guardinha, que ao final pegou uma carona todo feliz na garupa da lambreta. Uma ótima sacada, já que poucos grupos nacionais dão importância a postura de palco, visual ou encenações como essa. O resultado foi positivo.

E assim, os Paralamas fizeram jus ao nome mais uma vez. Sucesso não teve a banda Cinema, que abriu o show, o que inclusive é muito elogiado pelo Herbert nas conversas musicais. Era melhor que fosse cinema mudo. Apesar de contar com excelentes músicos (destaque pro baterista, baixista e guitarrista) eles tentam fazer um híbrido Lobão/Paralamas e não alcançam êxito. É aquela coisa de a "moda agora é new wave." O negócio deles é rock'n'roll tradicional, como ficou provado na melhor composição, "Rock da Guitarra". Porque os reggaezinhos e demais músicas não passaram de uma pasta sonora.



LOBÃO

Entrou em cena o 2º LP de Lobão, 'Ronaldo vai à Guerra', depois de um parto difícil por parte da gravadora. Daí que Lobão resolveu fazer um show de despedida para 'Cena de Cinema', seu 1º disco. Este show teve a intenção de pautar o novo repertório, já que as músicas antigas só serão novamente tocadas atendendo a pedidos do público.

Como já é regra no Morro da Urca (onde Lobão apresentou o show em questão, no fim do mês passado), a duração ficou na marca dos minguados 50 minutos, se tanto, e a característica foi o pouco pique que vem sendo a sombra de Lobão nos palcos do Rio, não fugindo nem um pouco do padrão que a banda vem mostrando, em alguns instantes até tediosos. A comunicação com o público não conta com um clima vibrante, e é mantida sempre com certa reserva (ou recebido). Não é que não se tente a comunicação, muito pelo contrário, é preciso reconhecer o empenho de todos neste sentido, mas infelizmente fica no ar uma certa distância, separando artista e público.

A gravadora mandou uma fita com o disco novo, e pelo que captamos, depois de uma minuciosa audição, foi o seguinte: Lobão sofre de um gravíssimo problema de dicção (em parte por sua mania de cantar "engolindo" o microfone), tornando certas passagens de suas vocalizações difíceis de serem entendidas. Por outro lado, ele está se revelando, a nível de composição, como um dos melhores artistas nacionais da atualidade, sem que pese o problema diccional. Comparando com o 1º LP, existe uma certa distância para este 2º, tornando o 1º melhor em estrutura musical, e o 2º, superior à nível de composição. Estamos torcendo para que os shows que apresentarão o novo LP sejam bons o suficiente para que o rock nacional continue brilhando incessantemente.

SP AO VIVO

A NOITE VAI SER BOA

BRYLHO

Duas coisas importantes. Dois fatos opostos entre sí escreveram mais um trecho da história do rock nacional paulista. Finalmente saiu o aguardadíssimo disco do Ira, mais uma vitória do nosso movimento. O outro fato foi triste. A Banda Performática de Aguillar acabou, enterrando o rico caminho sonoro que trilhavam.

Era 11 de maio, sexta-feira, e a Rua Solon, no Bom-Retiro, SP, nunca viu tanto movimento noturno. Os portões de uma velha fábrica (no nº 1069) se reabriam após vários meses de reformas. Mas os operários se haviam transformado em figuras coloridas da noite, e o local de trabalho virou uma enorme casa dançante: O RADAR TANTÃ.

São 1500 metros quadrados divididos em bar, pista de dança, palco, arquibancadas e um palanque do "Salão Kaus Brasilis", onde os jovens podem expor suas cabeças aos mais modernos cortes de cabelos, em meio à loucura dos breakers e dançarinos do salão. A onda das grandes danceterias, iniciada com casas como Clash, Rádio-Clube, Dancing, Show Days, etc., vêm a se firmar em sampa com o Radar, que, situado fora do circuito dos Jardins, promete movimentar também outras regiões da cidade.

Para batizar o palco, a anunciada presença do Brylho — que já se apresentara algumas vezes em São Paulo, abrindo a "The Hardcore Night Show" no Sesc Pompéia (da qual participaram diversos outros grupos), e num show inteiro no Rádio-Clube, há dois meses. Mas nunca para um público tão grande e energético, como o que foi jorrando lá a partir das dez horas. O Radar se encheu e muita gente ainda ficou de fora. Na rua, clima de festa e novidade. Dentro, pés dançantes distribuíam a colorida mistura de gêneros. Mocinhos e bandidos. Câmeras de TV, badalação.

Enquanto o show não começava, o som não mostrou grandes novidades. Muito funk e MPB (Gil, Caetano, Tim Maia). De rock predominavam os Stones. Mas nada é o fim, e há boatos de que Júlio Barroso pode ser o novo discotecário, com boas supresas.

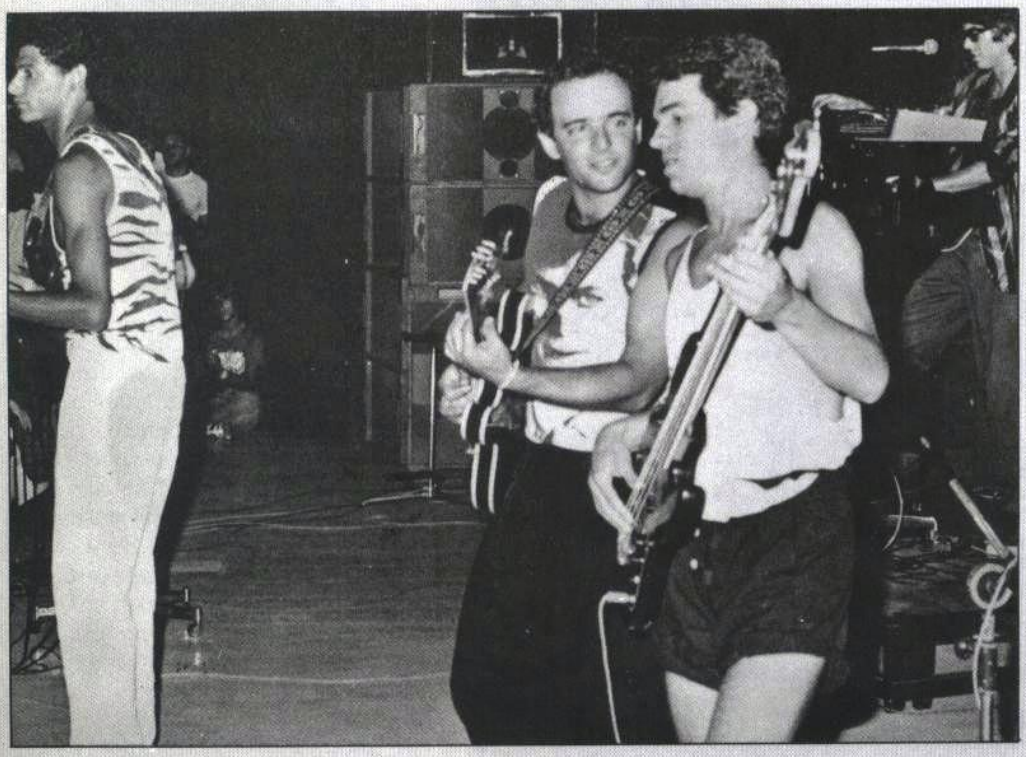
"E tudo vai rolar".

O Brylho atacou já de madrugada, na hora certa de intensidade e calor. À formação dos quatro (Claudio Zoli, Arnaldo Brandão, Paulo Zdanowski e Robério Rafael), foi acrescentada a presença do tecladista Ricardo Cristaldi. E a novidade de duas baterias eletrônicas diante dos microfones, manipuladas em momentos estratégicos pela linha de frente Cláudio-Arnaldo-Paulo que, além de empunharem guitarras e baixo, fazem os vocais.

O Show começou vibrante, som de boa qualidade e o Brylho brilhando com segurança. Mas de repente, na terceira música, o público se pega chorando descontroladamente. Para surpresa geral, duas bombas de gás lacrimogênio haviam explodido debaixo do palco. Sem entender que espécie de terrorismo estava rolando, a maioria das pessoas ao redor do palco se dispersou. Os rapazes do Brylho tentaram acalmar as duas mil e tantas pessoas no salão, e continuaram o show. Foi difícil, mas aos poucos o ar foi se tornando respirável novamente, os olhos lacrimejantes voltaram à pista. E o Brylho desfilou o seu som. Um funk cheio, com bem-sucedidas incursões pelo rock. Passos de break, algumas coreografias ensaiadas, espaços de som abertos nas canções. E os pequenos botões das baterias eletrônicas preenchendo, dando maior peso.

Noite do Prazer, Cheque Sem Fundo, Destrava Maria e outros sucessos do LP foram destravando o público para a dança e a celebração. As bombas foram esquecidas e o astral recuperado. Claudio Zoli esmirilhante em guitarra e vocal. Canta com malandragem — todos entendendo tudo. E o momento mais pulsante: A versão de "I Shot the Sherif" (Bob Marley). Irresistível.

O Brylho continuou se apresentando no Radar dias 12 e 13, sem bombas mas com muito gás. E o Tantã prosseguiu movimentando esse maio, levando Ira, Ultrage, Zoo e Barão Vermelho.



Algumas faixas pelas ruas da cidade e pequenas notas nos jornais anunciaram a "Noite New Wave" no Rádio-Clube, com Titãs, Gota Suspensa e Minas e Energia.

Sem lotar, mas com um público razoável para o divulgação feita encima da hora, o Gota Suspensa abriu a noite, às onze e meia. Com uma aparelhagem de primeira, o Gota apresentou um som tecnicamente bem elaborado, mas frio. Fraseados jazzísticos em levadas new-waves. Uirtuosismo. Muita competência pra pouco sabor. A vocalista com uma presença mais marcante, tentando dar consistência às letras — lembrava a Paula do Kid Abelha, no timbre e jeito. Mas o som tem outra cara. Mesmo assim esquentou o público, que dançou ao peso das levadas.

O Minas e Energia conseguiu dispersar boa parte do público, com um rockabilly mal-feito e caricatural. Símbolos gastos do machismo: "Quem manda aqui sou eu". Versão de "Roll over Beethoven" (C. Berry): "Falou, Seu Beethoven" — Mais feliz na voz do Sempre-Livre: "Cai nessa, Beethoven". E os clichês dos fraseados ainda conseguiram animar os dançarinos mais afoitos.

Nos intervalos entre os grupos, a presença de um performático vídio-man, que passeou pela platéia com sua cabeça de TV, cantando e fazendo discursos. Com talento.

A melhor surpresa foram os Titãs, no fim da noite. Afastados há algum tempo dos palcos para gravar seu primeiro LP (selo WEA) — que será lançado em junho, os Titãs se mostraram em força total, tocando o repertório do disco e algumas músicas novas. A energia das duas guitarras, teclados, baixo, bateria, coros e cinco crooners se revezando, levantou o público, fechando feliz a madrugada de quinta-feira.

Após tantas "Noites New-Waves" já havidas em São Paulo, o rótulo se desgastou, e se mostra inexpressivo para shows desse tipo, que junta caras e coroas tão diferentes.

Aguardamos o disco dos Titãs.

IRA

O Ira se apresentou dias 17 e 18 de maio, no Radar Tantã, em um de seus mais intensos shows. Apesar da sentida ausência do crooner Nazi, acidentado recentemente e ainda sem poder empunhar o microfone, o Ira segurou como trio, Edgard contando, para um dos maiores públicos já encarados pelo grupo. Mostrando um som em plena forma, com muitas músicas novas, o Ira alucinou a lotação do Radar. E "a fumaça é melhor que o ar".

(Nazi voltará a contar dentro de um mês. Novo em folha).

A BANDA PERFORMÁTICA ACABOU

Quem me conta é seu (ex) band-líder, José Roberto Aguilar, que voltou de sua viagem por Nova York e pelo Oregon, onde ficou no Rajneesh Purnam e se tornou Sanyasin: Aquilar desmanchou a Banda (que já tinha dois anos de existência e um LP gravado) e agora se dedica mais a pintura, pretendendo voltar a trabalhar com vídeo. Aguilar é um artista multimídia. Largou por causa da Banda (teve que vendê-lo para pagar o aluguel de um teatro, para um show, em 1981). Agora ela esgotou. E a volta à raiz-vídeo parece bem apetitosa. A pintura? Sempre.

A Banda Performática teve um trabalho interessante, de junção da música com outras linguagens - performance, poesia, pintura, dança, cenografias. Contando com a presença do antológico guitarrista Lanny Gordin, a Banda fez rocks sobre referências culturais inesperadas, como Marcel Duchamp, a Revolução Francesa, uma discussão entre Lenin e Trotsky, a história das civilizações, da cultura, das religiões. Nunca se viu tantas referencias tão anarquicamente misturadas, num show de som, discursos, luzes, canto operístico, performance. O ápice da Banda se deu no final do ano passado, com um gigantesco concerto ao ar livre, na Praça Roosevelt (SP), onde ao lado do palco se armou um ringue para lutadores de telecath. Era a ópera Rock "Macunaíma Performática" (ver Roll nº 2).

Os excelentes músicos da Banda Performática (Zé Português, Jean, Edú Rocha) continuam ativos, tocando em outros grupos. O baterista Edú Rocha os reuniu e ataca agora de crooner. Zé e Jean o acompanham no baixo e guitarra. Gigante na bateria. Estão se apresentando por aí. Vale ver.

A Banda Performática deixa um LP gravado e um sucesso ("Voce escolheu errado o seu Super-Herói") nas vozes das Frenéticas. E Aguilar continua vivo e ativo. Aguardem.

O FRIO TAMBÉM QUEIMA

PUNKs/PR

Curitiba tem fama de ser uma cidade-modelo. Seus jardins, parques e a "população ordeira" fazem nome pelo Brasil. Mas quem olhar mais de perto vai notar que essa fama só engana colecionadores de cartões postais. Porque Curitiba é como qualquer cidade. Com desigualdades. Violência. Revoltas. E punks. . .

estação no inverno

E ninguém pense que o movimento punk local é mera importação da onda paulista e carioca. Já no carnaval de 78, em plena febre "disco", surgia em Curitiba a primeira banda punk do sul do país: "Carne Podre". Barbarizaram em teatros e ginásios da cidade, tocando até com o eterno Made In Brazil. Hoje, seis anos depois, dois sobreviventes, o vocalista Killer (inglês autêntico) e o baixista Magrão insistem em não deixar a peteca cair. Descolaram dois guitarristas teenagers (Adriano e Marcos) e inventaram a Guerrilha Urbana. Não é brincadeira: os guerrilheiros prometem atacar com chumbo grosso as barricadas do sistema.

Quem não se lembra da Contrabanda? O Rio delirou em maio do ano passado quando eles tocaram três dias no bar Let It Be, e uma semana depois no Circo Voador, com o Sangue da Cidade. Auê geral. A "Contra" surgiu em dezembro de 81, para participar de um festival de música popular num colégio de Curitiba. Inscreveram duas músicas: 1º e 2º lugares. Daí para o sucesso foi um pulo. Passaram 82 fazendo o circuito de bares, teatros e clubes da cidade. No verão de 83, já como o grupo mais popular de Curitiba, tocaram no litoral de Santa Catarina. Em maio, Rio de Janeiro. Na volta, mais shows, até que veio a mudança total. O Brasil, como estamos carecas de saber, já mergulhava no abismo, com a situação política e econômica se agravando cada vez mais. E o pessoal da "Contra" achou que seu estilo até então alegre e irreverente devia ser substituído por uma mensagem mais séria e forte. Surgiu então o "Beijo à Força", disposto a fazer o "som da crise". Eles estrearam a nova banda no I Festival Punk de Curitiba, novembro de 83, tocando para uma platéia de 2.500 pessoas, juntamente com os paulistas "Neuróticos" e "U.T.I.". Agora, querem entrar em contato com grupos novos que pintarem pelo Brasil, e frequentar mais o eixo Rio-Brasília-São Paulo. Bola prá frente.

O poeta Arthur Rimbaud talvez não imaginasse, no século passado, que seu nome fosse associado a algo como o movimento punk. E isso aconteceu em Curitiba. "Estação no Inferno", o mais novo dos grupos novos da cidade, tirou seu nome de um livro do loucaço vate francês. Foi em 1º de abril de 84 que Deby Loyed (vocais e casiotone), Fernando Tupan (baixo), Renato Incesto (bateria) e Paulinho Kripton (guitarra) começaram a infernizar as ondas sonoras locais. Altos planos na cabeça: é deles a parte musical da montagem de "Cabaret Valentin", peça do alemão Karl Valentin, que adentrará os palcos curitibanos no segundo semestre. Rimbaud e seu assecla Lúcifer aplaudem e já pedem bis.

beijo à força

Agitando Cwb

CWB é o prefixo aéreo-telegráfico de Curitiba. E bem mais que isso: é como os punks chamam a sua mui leal e amada cidade. Pois bem, CWB está mesmo às voltas com eles. O Festival de novembro teve grande repercussão. Foram quatro dias de folia punk com a galera pogando adoidado e muitos, de fora até então, querem aderir ao movimento. Pululam convites para shows e há interesse de grupos paulistas em tocar lá. Até os heavy metals presentes na Sociedade Operário (local do Fest Punk) deram uma força. E já pintou um fanzine, "Espectro do Caos", circulando a mil.

Mas as vetustas instituições, que não são bobas, já estão de olho nos punks. Eles começam a frequentar páginas de jornais (geralmente policiais), programas de TV e rádio. O "Beijo à Força" disse qual é a do movimento, em programas musicais e jornais da cidade. É claro que, se há pessoas interessadas num trabalho jornalístico sério sobre o assunto, também existem os preconceituosos e reacionários de todo tipo. Para tristeza destes últimos, os punks já começam a ocupar seu espaço e dar o seu recado pros corações e mentes da galera. Toda força para eles.

CAMISA

"NÃO SE PODE DIZER QUE O ROCK DAQUI É BOM OU RUIM, PELO MENOS AINDA NÃO"

PASSAMOS POR ISSO

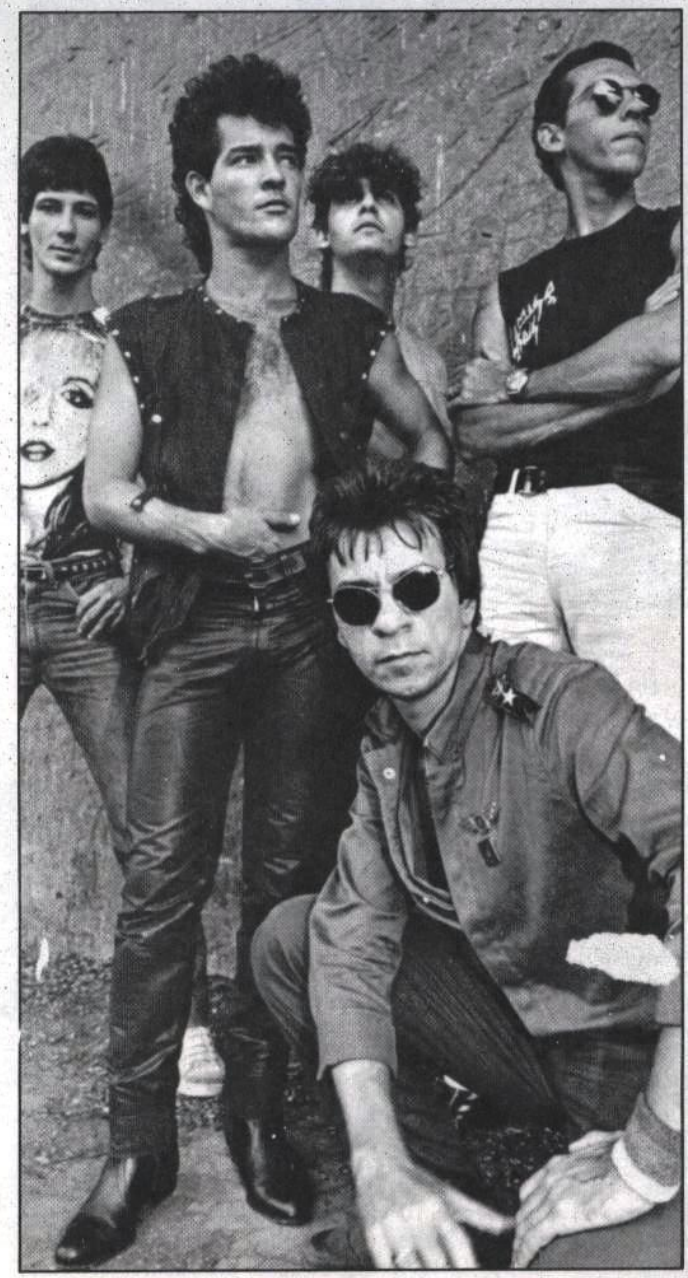
O *show* era da Neuzinha Brizola. O sábado à noite era veranesco. Mas quem pôs o Estádio de Remo da Lagoa pra sacudir, embora estivesse meio vazio e cheio de familiares e socialités, foi o grupo de abertura que faz um *punk rock/hard* baiano: Camisa de Vênus.

A pequena galera skate-punk que estava presente dançou o que pôde e daí prá frente conquistaram um público certo e fiel, que cresce a cada nova apresentação carioca. Naquele show da Brizolinha, o pessoal pediu bis, mas o som foi cortado. Não ficou ninguém prá ver a garota.

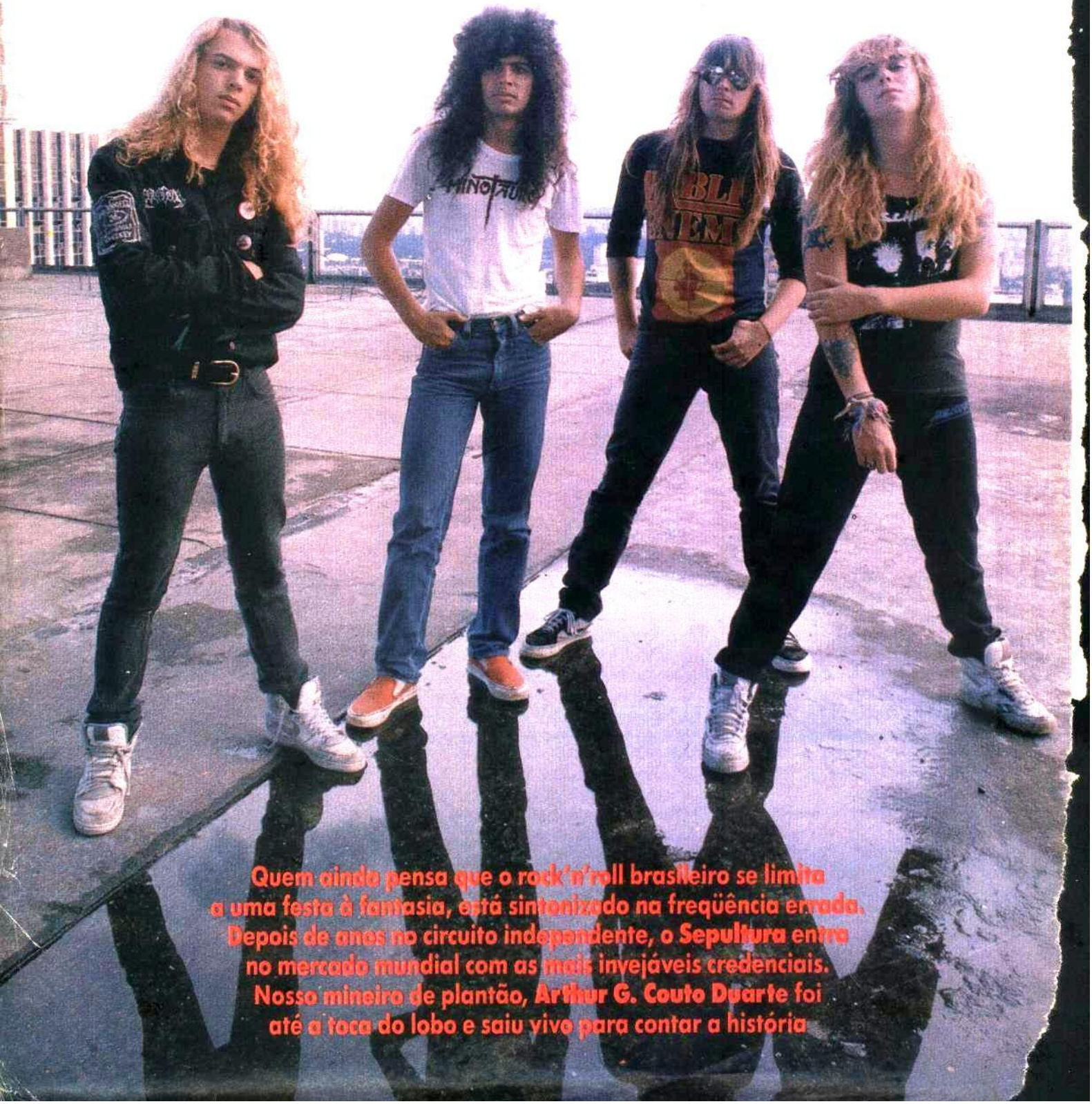
Agora eles são uma presença quase constante no cenário carioca. Circulam com seus admiradores, trocando idéias, cedendo cópias de vídeos filmados em Salvador – inclusive filmaram o vídeo-clip "Beth Morreu" por Copacabana. O Rock preventivo está a solta e o orgasmo é total.

Num desses encontros nos pepinos da vida, embaixo de um sol causticante, antes de uma entrevista pro Realce, pegamos um abacatinho gelado e levamos um papo com a troupe (mulheres, filho, os cambau) numa das últimas sombras restantes perto da praia (maldita devastação ecológica). Perguntamos a Marcelo Nova (voz) o que acha do rock Rio-SP, e ele não hesitou em responder: **MN:** "Do Rio gosto muito do João Penca que são engraçados sem serem babacas, e não cansam. Tem uns que enchem o saco nessa de querer ser engraçadinho. Gostei muito da noite em que tocamos no Circo Voador com Lobão e Coquetel Molotov. Não houve disparidades. Eles são bons em seus estilos. Já em São Paulo só gosto dos Inocentes, mesmo porque não conheço nenhum outro grupo. Só de disco, mas para eu dizer que conheço e gosto, só vendo ao vivo."

ROLL: Você vê futuro no rock nacional? **MN:** "Como postura, som, atitude, está começando agora. A falta de informação é muito grande entre os grupos e entre os consumidores do rock nacional. A Mídia vende tudo como rock e depois da discoteca está se tentando vender rock aqui de qualquer maneira. É o mesmo que tomar Coca Cola como se fosse uísque. Não se pode dizer que o rock daqui é bom ou ruim, pelo menos ainda não. Primeiro as pessoas tem que saber o que estão consumindo. Como está não pode ficar. Um cara como o Lulu Santos, que ficou revoltado porque declarei numa entrevista ao JB que ele não faz rock, respondeu-nos usando um termo colhido debaixo do divã de seu psiquiatra: chamou-nos de DESSUCESSISADOS; Quá, quá, quá. Tudo isso prá tentar justificar uma coisa que ele fêz há mui-



GUITARRAS, GARRAS, UNHAS, DENTES E DECIBÉIS



Quem ainda pensa que o rock'n'roll brasileiro se limita a uma festa à fantasia, está sintonizado na freqüência errada. Depois de anos no circuito independente, o Sepultura entra no mercado mundial com as mais invejáveis credenciais. Nosso mineiro de plantão, Arthur G. Couto Duarte foi até a toca do lobo e saiu vivo para contar a história

ULTRAJE

Para furar a janela de dois anos que até agora separou o lançamento de seus discos, o Ultraje desengavetou um álbum de covers, praticamente pronto desde que o grupo surgiu. "Cronologicamente, este disco deveria sair antes do *Nós Vamos Invadir Sua Praia*, só que nunca seria lançado naquela época", diz Roger.

Enquanto Ira! e Titãs já tocavam composições próprias, o Ultraje ainda disputava uma vaga nos bares reservados a bandas de cover. A principal arma era o repertório dos Beatles — do qual quatro músicas foram gravadas neste LP —, mas na receita entravam também Clash, Police, Jovem Guarda e standards dos *60's*.

Em *Porquê Ultraje A Rigor* aparece uma única música composta pelo grupo: "Mauro Bundinha". "É uma música que nós ainda não tínhamos gravado, e foi a primeira que a gente fez", explica Roger, garantindo que este disco "é todo a título de curiosidade".

Comentando o espírito revivalista que ataca o rock, Roger afirma que "a tendência é esta. Quando não há nada acontecendo, o cara se volta um pouco para o passado, sempre foi assim", garantindo que, neste disco, o Ultraje procurou gravar músicas obscuras.

"Twist'n'Shout", "Let's Twist Again" e mesmo a nacional "Pode Vir Quente" não podem ser consideradas obscuras — critério que também não traz mérito algum: "Starman" e "You Be Illing" não eram do domínio público até virarem hits convertidas em "Astronauta De Mármore" e "Adelaide". Mesmo revisitando seu próprio passado e não realizando versões, o Ultraje pouco difere da sintomática apropriação de boas melodias que ganha cada vez mais espaço no pop brasileiro. "Nós achamos legal esse nosso começo e resolvemos gravar tudo isso", encerra Roger.

Porquê Ultraje A Rigor marca também a saída do baixista Maurício, que após a gravação foi morar em Miami. Seu substituto é Oswaldo, ex-Premeditando o Breque. **CELSO MASSON**

Angelo Pastorello /Azul

O grupo em 82, na formação original; e o novo baixista, Oswaldo (ex-Premê)

WEA

Clandestino tem um lado tradicional e outro "futurista". É onde está o primeiro samba do Ira!, "Cabeças Quentes"

manifesta: "Não sei, não é o tipo de coisa que eu costume ouvir..."

A palavra final é de André: "Quem tiver alguma dúvida sobre nossas intenções, pode pegar o primeiro disco, e vai ver que a faixa 'Ninguém Entende Um Mod' termina com uma sonora batucada..."

Os mais atentos poderão identificar outros aspectos intrigantes no lado que representa o "novo" Ira!. Como a presença de um berimbau e de uma bateria eletrônica em "Melissa". Ou os teclados abundantes da balada radiofônica "Efeito Bumerang" (esta, com letra do ex-Cabine C Ciro Pessoa). Segundo Nasi, é o fim do radicalismo baixo-guitarra-bateria que marcava a maior parte do trabalho da banda. "Antigamente, pensar numa música desenvolvida a partir de uma bateria eletrônica não tinha sentido. Mas essas janelas sempre estiveram no quarto do Ira!. Agora elas estão amplamente abertas."

"O Dia, A Semana, O Mês", executada em quase todos os shows desde 84, já é um clássico do repertório do Ira!. Com o lançamento de *Clandestino*, a canção encerra finalmente sua longa jornada rumo ao vinil — assim como "Nascido Em 62", composição de 80 que está na memória de todos os fãs. Saudosismo? Falta de repertório? "Elas já estavam nas sessões de gravação dos outros discos", diz André, "mas só agora ganharam arranjos satisfatórios." Para Edgard, as razões são particularmente sentimentais. "Tínhamos uma dívida com o nosso público. E, também, era a hora de esvaziar o baú, fechar um ciclo."

Escavando o fundo do baú, o Ira! encontrou a faixa título do LP, composta quando Edgard ainda fazia parte do grupo Subúrbia, em 79. "Tocamos essa música no FICO, o festival do curso Objetivo", conta o guitarrista. "Não ganhou nenhum prêmio. E o mais engraçado é que não mudamos praticamente nada. Ainda toco o mesmo solo de guitarra..."

"Clandestino" tem como pano de fundo o famoso discurso do presidente chileno Salvador Allende, antes de ser assassinado pelos militares comandados por Pinochet, em 73. Sobre ele, a voz de Nasi repete o refrão sinistro: "...e o pior ainda está para acontecer".

"A escolha foi meio aleatória, mas combinou bem." Nasi explica que a fala saiu de um documentário sobre a história chilena. "O refrão, uma coisa meio porra-louca, ganha uma dimensão mais concreta com o discurso. Quando as portas da legalidade e da liberdade se fecham, aí que o pior está para acontecer. O Chile estava conseguindo desenvolver sua autonomia e foi soterrado pela política de intervenção direta."

Esse refrão parece muito pessimista para um ano pós-eleitoral. "Pois é, esse ano é decisivo. Tudo isso tem a ver com o Brasil depois da revolução de 64, e os climas que podem vir a surgir." André complementa: "Esse disco expressa nosso pessimismo e nosso otimismo".

Geraldo Luis Gomes / Azul

O Ira! não foi a única ausência sentida pelos roqueiros em 89. Durante a maior parte do ano, os "grandes" do rock nacional — Paralamas, Legião, Titãs, Engenheiros — abandonaram a cena enquanto preparavam seus novos lançamentos. Nesse meio tempo, as rádios foram invadidas por uma nova geração de bandas, capazes de emplacar vários hits: Inimigos do Rei, Nenhum de Nós e Uns e Outros.

"Não curto nenhuma dessas bandas", adianta André. "Não são trabalhos que me agradam, eles são muito voltados para o sucesso radiofônico." Seria essa a principal característica dessa nova geração? "O que falta a eles é densidade. Para a nossa geração, que consolidou o rock no Brasil — Legião, Paralamas, Titãs, Ultraje —, a densidade era o mais importante. Rádios e gravadoras vinham em segundo lugar. Essas bandas preferem recorrer a fórmulas gastas ou recursos apelativos — como versões de má qualidade."

Edgard tem uma visão diferente desse "conflito de gerações". "A crítica e os músicos caem em cima desses grupos, quando a culpa é das gravadoras. Todo mundo tem direito de mostrar seu trabalho. Só que é o executivo da gravadora que transforma aquilo num estouro comercial. Eles pegam os músicos e fabricam o sucesso. Os Inimigos do Rei têm suas músicas arrebentadas nas rádios. Enquanto isso, o meu disco não toca em nenhum lugar..."

Mesmo com músicas bastante executadas na rádio, o Ira! nunca foi um grande sucesso comercial — seu disco mais vendido foi *Vivendo E Não Aprendendo*, lançado na euforia do Plano Cruzado (160 mil cópias, segundo André). "Poderíamos ser muito mais populares se soubéssemos conviver melhor com o jabaculê", declara Edgard. "Existem programas de TV, por exemplo, que poderíamos ter feito, sem comprometer a nossa imagem. O problema é que nós raciocinávamos como uma gangue. O resultado disso é que até hoje temos dificuldade para ir tocar no Norte e ainda não conseguimos sair do Brasil."

Para Nasi, as dificuldades atuais do grupo são uma extensão da situação do país. "Está tudo mais selvagem do que quando começamos, e as bandas que conquistaram um espaço também não estão livres disso. Tem gente que poderia estar vendendo quinhentas, seiscentas mil cópias, e está lutando para vender cem mil. Quando a situação econômica aperta, os mecanismos ficam cada vez mais restritos."

André, o mais otimista, faz sua previsão para a nova década. "Acho que um novo ciclo está começando. Estamos num momento de fermentação, com bandas novas surgindo..." O baterista arrisca algumas apostas: "Tem o CPSP, a banda nova do Ciro Pessoa. Gosto também dos Peixes, Vultos, Mattoli & Ivanovic..."

As bandas "de garagem" são as preferidas por Edgard para tomar conta dos anos 90. "Elas ainda conseguem fazer algo novo — gente como o Faces e Fases, Anarco-Tráfico, General Câmara, Solano Star."

No final do ano, o Ira! parte para seu projeto mais ambicioso: a gravação de um álbum duplo ao vivo. "Nossos fãs sempre cobraram isso", lembra André. Até hoje, os registros de shows da banda resumem-se a duas faixas de *Vivendo...* ("Pobre Paulista" e "Gritos Na Multidão"), além de uma gravação de "Não Pague Pra Ver", incluída apenas no cassete de *Psicoacústica* (a faixa foi gravada durante o primeiro *Hollywood Rock*). "Muito pouco", na opinião de André.

"O problema é que queríamos ter uma discografia apresentável, antes de lançar um LP ao vivo. Agora, sei que vai ser difícil escolher *apenas* dezoito músicas para entrar no disco..."

BIA ABRAMO/MARISA ADÁN GIL

as gravações de *Clandestino* começaram num clima de muita tensão, segundo André. "Achamos que gravaríamos o disco em dois dias, mas não saía. Depois de duas semanas, ninguém agüentava mais."

Para Edgard, o processo de readaptação foi ainda mais difícil. "Eu tinha passado dois meses trabalhando no meu disco. Aí, fiquei às voltas com o show de lançamento, ensaiando uma banda com oito músicos. Só depois do show consegui voltar com a cabeça mais limpa."

Fica então a dúvida: as atividades paralelas contribuem para a saúde ou o desgaste da banda? "Tem hora que precisamos tirar férias um da cara do outro", responde André. "Você se realimenta com cada coisa que faz. E essas experiências acabam retornando para o trabalho da banda."

Em uma primeira audição, *Clandestino* parece reunir todas as direções que o som do Ira! já tomou nesses quase dez anos de carreira. Tem o que já fizeram de pior e de melhor. Como de costume, resgatam velhos hits do repertório de shows. Intercalam baladas melosas com faixas agressivas. E há, ainda, espaço para experimentação, seja com samba ou música eletrônica.

Não posso deixar de concordar com André quando me diz que as músicas são muito diferentes entre si. É como ouvir uma compilação de compactos. "São dois lados distintos", opina Edgard. "Um deles representa o Ira! até agora e o outro aponta para o futuro."

É na face "futurista" do vinil que está a faixa mais dissonante do novo trabalho. "Cabeças Quentes" parece um samba tropicalista em que a voz de Nasi insiste em soar como Gilberto Gil. Já dá para prever a reação da crítica: mais uma banda querendo abrasileirar o rock?

"Até o gringos estão fazendo isso!", brinca Edgard. "Não fazemos parte de nenhuma onda", declara André, explicando que a música foi composta há quatro anos. "Se quisermos renovar nosso som, temos que beber em outras fontes. O rock sempre esteve aberto para outros estilos, em todo o mundo. O importante é manter o espírito da banda, sem forçar a barra. Tem muita gente que já se deu mal tentando 'fusões'."

O baterista prefere não citar nomes. Arrisco alguns. Lobão? "Eu gosto do que ele fez naquela música que tem um pouco de samba, 'Essa Noite Não'." Paralamas? "Eu acho o trabalho deles supercoerente", intervém Edgard. "Eles sempre lidaram com ritmos, é uma coisa mais de raiz." Lulu Santos? Apenas o guitarrista se

OVER
NIGHT
OVER NIGHT
Uma overdose de som, luzes e efeitos especiais.
Com este TICKET você ganha 20% de desconto no valor do ingresso.
Válido até 31-12-88
INDIVIDUAL
Rua Juvenal Parada, 35 - Mooca. f. 92-1070 · 291-3362

ESSA TURMA FAZ O PROGRAMA JOVEM MAIS VIBRANTE DA TV BRASILEIRA

FOTOS: ROBERTO PRICE

Realce

TODOS OS SÁBADOS
ÀS 18 HORAS

COM:
ANTONIO RICARDO
PATRÍCIA BARROS
RICARDO BOCÃO

RECORD
A EMISSORA DO RIO
CANAL 9-RJ